

A RELAÇÃO DA TAXA SELIC COM O NÚMERO DE INVESTIDORES NA B3: UM ESTUDO DE CASO PARA O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

Carlos Loran de Almeida SILVA¹

Luiz Carlos de PAULA (Coorientador)²

Bárbara Cristina Sacramento COELHO (Orientador)³

¹ Estudante de Administração - Faculdade Senac Contagem. ² Professor do Curso de Ciências Contábeis, Faculdade Senac Contagem. ³ Professora do Curso de Administração e Ciências Contábeis, Faculdade Senac Contagem.

Palavras-chave: Taxa Selic; Mercado de capitais; Investimento; Pandemia; Perfil do investidor

INTRODUÇÃO

A pandemia do Covid-19 tem reflexos diretos nos aspectos econômicos do mundo inteiro. Nesse contexto, o Comitê de Política Monetária – Copom do Banco Central decidiu, em agosto de 2020, por reduzir para 2% ao ano a taxa Selic, chegando a um novo piso da série histórica (Banco Central do Brasil, 2020). Tal redução era esperada, pois, segundo o Banco Central, a queda da taxa Selic visa estimular a retomada da economia, aumentando o consumo e reduzindo o valor do crédito.

No caso dos investidores, o corte na Selic acaba afetando diretamente o rendimento de investimentos de renda fixa, como o Tesouro Direto, por exemplo, que está a ela atrelado, e a poupança, que em momentos de taxa abaixo de 8,5% ao ano acaba rendendo 70% dela. Ou seja, quanto mais a taxa Selic cai, menos ainda rende a poupança. Mas, por outro lado, tal queda acaba significando uma oportunidade de ganho na renda variável (OLIVEIRA et al, 2018). Logo, o objetivo deste estudo é analisar a relação entre a taxa Selic com o número de investidores na Bolsa de Valores brasileira (B3) durante a pandemia. Busca-se, como objetivos específicos, entender como a Selic atua na economia e qual o perfil do investidor brasileiro.

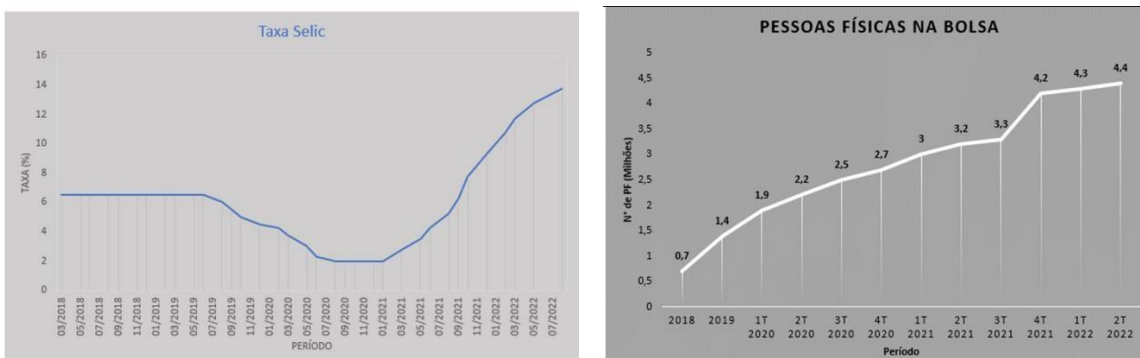
METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e a abordagem utilizada neste artigo é qualitativa, visto que a necessidade do estudo é compreender o fenômeno que é observado. Por fim, de acordo com os procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa documental, visto que foi feita uma coleta de dados por meio de documentos, dados históricos, bibliográficos e estatísticos, dentre outros (GIL, 2008). Os dados foram coletados por meio de relatórios publicados no *site* da ANBIMA, do Banco Central do Brasil e da B3.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais – ANBIMA (2021), ao escolher o tipo do produto que irá compor a carteira, o principal motivo listado pelos brasileiros é a segurança; logo, o produto financeiro mais aplicado é a poupança. Até o ano de 2019, a poupança era o produto mais aplicado, com 37% dos investimentos, e o mercado de ações tinha 1,5% de aplicação. Com os impactos da pandemia e o Banco Central reduzindo a Selic, houve uma movimentação no perfil do investidor brasileiro. O número de investidores cadastrados na B3 deu um salto de 92,86% de 2019 para 2020, alcançando 2,7 milhões de contas ao fim de 2020 e a 4,2 milhões de contas no fim de 2021. Em 2020, pela primeira vez, a poupança perdeu adeptos, enquanto todos os outros produtos financeiros foram mais utilizados. A figura 1 mostra essa relação entre a taxa Selic e o número de investidores na B3.

Figura 1 – Relação entre taxa Selic e número de investidores na B3



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Banco Central e da B3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, nota-se que a queda na Selic atraiu inúmeros investidores para a Renda Variável em detrimento dos ativos de renda fixa – maior componente do perfil do investidor brasileiro – e que, mesmo em meio a uma fase de maior volatilidade e aumento das taxas de juros, o mercado de ações continua aquecido. Tal consideração pode ser feita devido ao “efeito pandemia”, o que, segundo AMPARO (2022), refere-se ao fato de que ao ficarem isoladas em casa, as pessoas viram muitos influenciadores falando sobre mercado de ações e a Selic foi de 14,25% em 2016 para 2% em 2020. Logo, a exposição maior a conteúdos positivos sobre o mercado de ações e uma alta da bolsa entre 2016 e 2020 teriam chamado a atenção dos investidores. Além disso, com a Selic baixa, a remuneração da renda fixa caiu. A combinação favoreceu uma migração para a renda variável. Portanto, mais informados, os investidores têm preferido manter um portfólio diversificado, combinando ativos de renda fixa e variável, visando retorno de longo prazo.

REFERÊNCIAS

- AMPARO, A. **Selic alta e crise global**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/selic-alta-e-crise-global-reduzem-participacao-de-investidores-pessoa-fisica-na-b3/#:~:text=O%>>. Acesso em: out. 2022.
- ANBIMA. **Raio X do investidor brasileiro**. 4.ed. 2021. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2021.htm> . Acesso em: ago. 2022.
- BCB – BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/publicacoes/atascopom/05082020>>. Acesso em: out. 2022.
- GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- OLIVEIRA, M. J.S. *et al.* Variação da taxa SELIC e a rentabilidade de fundos de investimentos referenciados: uma análise comparativa no período de 2013 a 2016. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 4, p. 1449-1463, 2018.

V

**Encontro
Integrado**

FACULDADES
SENAC EM MINAS